



# MULHERES NA IDADE MÉDIA



LAURA SILVA | N<sup>o</sup> USP 10804749 | NOTURNO

Você já se perguntou de quantas mulheres na história já ouviu falar? Quem são elas? Como são representadas? Tente se lembrar de quantas mulheres que viveram na Idade Média você conhece.

## » O QUE É SER MULHER NA IDADE MÉDIA?

Geralmente a categoria “mulher” é entendida como algo biológico, imutável ao longo da História. Entretanto, podemos perceber analisando o decorrer do tempo e em diferentes sociedades, que o gênero é constituído dentro da comunidade em questão. Por exemplo, na Idade Média a mulher era tida como algo pecaminoso, inferior e sujeito a dominação do homem. Estas concepções são trazidas da narrativa bíblica, a principal referência de pensamento medieval. Estas concepções são diferentes do que é ser mulher na Grécia ou no Egito, cujas referências sociais são outras. Esta narrativa bíblica não é fechada e concluída, ela é atravessada por disputas políticas por centenas de anos até chegar os dias atuais. Dentro dos documentos desse longo período que chamados de Idade Média podemos destacar pelo menos dois ideais sociais que registraram nos documentos suas imagens do que deveria ser uma mulher: o ideal **aristocrático** e o ideal **eclesiástico**. A Igreja considerava condenável o “uso imoderado dos órgãos sexuais”, enquanto a procriação tinha papel central para a aristocracia, uma vez que era definida pela herança de pai para filho, inclusive o sangue nobre. Esses ideais entraram em conflito em vários momentos, mas concordavam sobre a submissão da mulher e a caracterização desta como um ser racionalmente inferior, cuja dominação se faz necessária, pois estas eram predispostas ao pecado. Na documentação “oficial” do período, utilizada durante muito tempo pela historiografia, é comum encontrar tais posições ditas com clareza, afinal, estas fontes eram escritas por membros da Igreja ou por aristocratas, o que refletia diretamente na história a ser produzida sobre as mulheres na Idade Média.

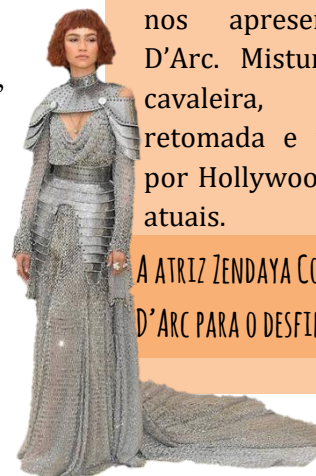
## O CINEMA

Existem estudos que analisam essas representações contemporâneas do medieval. Para maior aprofundamento na questão busque o livro dos historiadores Macedo e Mongelli: “A Idade Média no cinema”. Ou o artigo disponível online de Oliveira e Filho: “A Idade Média no cinema: uma (re)visão do imaginário ocidental”.

## A APROPRIAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO MEDIEVAL

O cinema nos traz grande parte das figuras medievais que conhecemos hoje. É através dele que entramos em contato com as grandes figuras do período medieval: Os Templários, a Inquisição, as Cruzadas... Antes da história científica produzir obras sobre as mulheres deste período, o cinema já havia dado o pontapé inicial. Para além de filmes como “O nome da Rosa”, “Robin Hood” ou várias obras sobre o lendário rei Arthur, a indústria cinematográfica nos apresentou Joana D’Arc. Mistura de santa e cavaleira, Joana é retomada e reapropriada por Hollywood até os dias atuais.

A ATRIZ ZENDAYA COLEMAN E SEU TRAJE DE JOANA D’ARC PARA O DESFILE MET GALA EM 2018.



## A HISTORIOGRAFIA<sup>1</sup> TRADICIONAL

A história científica surgiu no século XIX, no contexto de nascimento de muitos Estados, como a Alemanha por exemplo. Estes Estados, em busca da construção de uma história própria, encontravam suas origens na Idade Média. Esta história, estabelecida por trás de um projeto político de construção de nações, ficou conhecida como “historiografia tradicional” e utilizava-se de fontes consideradas “oficiais”, ou seja, eclesíásticas (da Igreja) ou jurídicas. Este tipo de documento medieval, encontrado em abundância, também foi escrito visando projetos políticos de seu momento, como os projetos políticos da aristocracia. Mas ao invés de ser lido através de seus próprios objetivos, foi lido através da ótica dos homens do século XIX. Por isso, para além do silêncio das mulheres nestas fontes, adicionamos mais uma forma de apagamento na História: o silenciamento causado pela historiografia tradicional.

Podemos destacar duas maneiras de pensar e construir a História dentro desta historiografia tradicional:

### GRANDES HOMENS

A primeira é referente à uma Idade Média construída a partir da perspectiva dos ditos “grandes homens” e a narração de suas vidas gloriosas através de biografias. Um historiador conhecido que partilha dessa posição é Thomas Carlyle, que argumentou que “a história do mundo é apenas a biografia de grandes homens”, sendo bastante popular seu tipo de abordagem na historiografia entre os séculos XIX e início do XX. Estas biografias fixaram-se nas grandes decisões e conflitos políticos, assim, aproveitou-se do que era mais abundante na documentação: biografias, documentos jurídicos, cartas escritas para circulação pública. A grande maioria desses documentos foram produzidos por homens, alguns defensores do ideal aristocrático e outros do ideal eclesíástico, mas ambos traçavam uma narrativa de submissão da mulher em prol desses ideais. Assim como tudo o que escrevemos hoje contém um pouco da maneira como pensamos e nos relacionamos com o mundo, esses documentos estavam permeados pela maneira de pensar daquele momento histórico. Foi através dos registros desses homens que grande parte da história tradicional foi contada e fixada na memória coletiva, usando os documentos em uma história biográfica que muitas vezes reproduzia o que encontravam escritos nestas fontes.

### GRANDES EVENTOS

Esta primeira maneira de fazer história sofria críticas de quem acreditava não ser suficiente contar a História do mundo ou de grandes nações a partir de indivíduos unicamente. Como tentativa de substituição dessa história centrada em grandes personagens, alguns historiadores defendiam a consideração de outros elementos para narrar e definir uma sociedade no tempo. O escritor Lev Tolstói argumenta contra esse tipo de história em seu livro “Guerra e Paz” destacando o papel das Guerras Napoleônicas. Para esse tipo de historiografia, grandes sociedades eram definidas a partir de grandes eventos decisivos. Assim, para além da história dos grandes homens, teremos a história das grandes batalhas, sempre tendo em mente o projeto político de construção nacional do século XIX. Dentro deste tipo de historiografia, a Idade Média permaneceu marginalizada, localizada entre dois grandes eventos: a queda do Império Romano e a considerada iluminação da humanidade, o Renascimento. Sendo este último criado pelo historiador Michelet, que muito contribuiu para essa visão pejorativa do período medieval. Dentro deste ponto de vista historiográfico, muitos eventos tomados como “sem importância” são desconsiderados, e, se antes as mulheres estavam escondidas atrás de figuras masculinas, agora desaparecem nas multidões que tumultuam os grandes acontecimentos. Além disso, essa história, conhecida como “história política”, continuava a prática de reprodução do que estava prescrito na documentação da história anterior.

## A NOVA HISTORIOGRAFIA

A partir da década de 30 do século XX, historiadores franceses resolveram mudar a maneira que a história estava sendo escrita. A revista *Annales*, inaugurada pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch, substituiu a história biográfica e política com fins nacionalistas para uma “história problema” e de todas as atividades humanas. Incluiu-se também um trabalho crítico das fontes, buscando fugir da simples reprodução destas: os documentos escritos agora devem ser encarados como tentativa de construção de uma memória, o que significaria que a construção dessas fontes se dá no registro daquilo que gostariam que fosse lembrado e também na exclusão daquilo que não convém.

Os principais escritores desta revista eram em sua maioria medievalistas (historiadores do período medieval). Após algumas gerações de continuidade desta nova história, a revista se tornou escola, transformando a história científica como um todo, sobretudo a Idade Média.

Além da pluralidade de assuntos abordados por essa nova história (história da morte, da alimentação, do espaço...), a crítica às fontes permitiu a percepção do apagamento de grande parte da sociedade, realizado até agora por estas formas tradicionais da historiografia.

Mulher inglesa, século XIV.



<sup>2</sup>hagiografia: espécie de biografia que consiste na descrição da vida dos santos.

No caso das mulheres, para além de uma longa construção documental formulada para justificar sua submissão, seu apagamento se deu pela concentração da historiografia no campo público (às guerras ou grandes personalidades políticas). As mulheres medievais não podiam ter livre acesso ao campo político (considerado um espaço masculino desde a Antiguidade), mas sua vida e participação na sociedade restringia-se ao privado, ao lar, à reclusão.

Duby (2011), um historiador da terceira geração dos *Annales*, relata que as mulheres eram introduzidas às núpcias o mais cedo possível e seu dever era duplo: elas deviam seu corpo ao marido e suas almas à Deus. No século XII, como incentivo ao cumprimento destes ideais, santas com suas **hagiografias**<sup>2</sup> construídas em torno desses requisitos foram promovidas. Desse período também podemos destacar o nascimento de uma literatura que se construía na diversidade de estereótipos do feminino: megeras governando tiranicamente suas criadas, mulheres que apareciam e desapareciam subitamente nos romances de aventura, as mães ciumentas e esposas frígidas. Todas essas são representações das mulheres que a nova historiografia destacou se tratar de um ponto de vista masculino.

Diante do apresentado, como podemos trazer as mulheres para a história medieval? Não apenas no cumprimento ou não de seus papéis sociais, mas como elas se relacionavam com esses papéis, como eram suas vidas, maneiras de pensar o cotidiano e se relacionar com o sagrado (elemento crucial para a sociedade medieval)?

# ELAS POR ELAS:

## POSSIBILIDADES DE ESCRITA E REPRESENTAÇÃO FEMININA

A posição das mulheres na sociedade medieval era ser, não apenas moralmente, mas juridicamente, dependente do homem mais próximo. Isto significa que a mulher estava sempre sujeita à tutela constante, sendo considerada um ser inferiormente racional para possuir um título de cidadania pública e política, como o homem. Assim, a mulher era justificada nesta sociedade pela sua habilidade de gerar filhos (preferencialmente homens), sendo a esterilidade um motivo para divórcio e a traição da mulher um motivo judicialmente justificável para assassiná-la. Tanto a aristocracia quanto a Igreja esperavam das mulheres medievais sua realização preferencialmente no casamento, mas também na vida espiritual depois que sua vida de casada chegasse ao fim; sempre passível, reclusa e em silêncio. Como já mencionado, os documentos do período apontam fartamente para essas informações e reproduzi-las simplesmente seria corroborar para a continuidade do silenciamento dessas mulheres.

Como alternativa para uma construção da história dessas mulheres gostaríamos de chamar a atenção para documentos produzidos por elas, cujas “práticas estratégicas” articulavam o que se esperava da mulher naquela sociedade (apontado pelas fontes oficiais) e sua realização contrária à estas expectativas. Ou seja, ao invés de assumir uma posição passível e silenciada, na produção escrita de suas obras essas mulheres estavam ativamente construindo uma memória de si. Vamos ouvi-las e conhece-las?

### Por que falar de produção escrita?

Em uma sociedade predominantemente oral, falar de produções escritas é falar de privilégios. Se consideramos pequena a quantidade de documentação intelectual feminina, mais raro ainda é o registro de mulheres que não tinham o conhecimento da escrita. O conhecimento destas se dá por vias indiretas, como estudos arqueológicos ou documentos de registro (nascimento, morte, casamento). Assim, as mulheres apresentadas aqui serão inevitavelmente pertencentes à uma elite medieval, seja mercantil (comércio) ou aristocrática (hereditária, de sangue).

Uma das possibilidades para a escrita feminina na Idade Média era o espaço religioso. A mulher aristocrata poderia aprender a escrever nos mosteiros ou utilizar-se dos escribas deste local. Na Alta Idade Média, este acesso aos mosteiros ainda era muito escasso, principalmente para as mulheres, dada à falta de encorajamento à religiosidade feminina. Isto muda por volta do século **XII**, quando diversos fatores incentivaram uma vida religiosa às mulheres:

O surgimento de movimentos pregadores que defendiam a imitação da vida apostólica, cultos à figura da Virgem Maria e um impulso ao culto de outras figuras femininas, como Maria Madalena impulsionaram a devoção feminina. Além disso, o fato de que essas devoções não estavam pautadas em uma santidade inata ou herdada, como o caso do sangue aristocrático, mas em algo mais aberto e acessível era um dos motivos que contribuíram para o acesso à religiosidade das mulheres. Assim, do século XII ao XIV, houve um aumento da oportunidade de mulheres em papéis religiosos.



Inglaterra, século XIV



Alemanha, século XII

Podemos notar nas ilustrações trazidas neste capítulo que estas mulheres medievais, situadas em diferentes lugares espaço-temporais, se destacam em suas vestimentas. As roupas são elementos de diferenciação na Idade Média, inclusive entre mulheres casadas ou solteiras. Os elementos que compõem suas roupas diferem em cada lugar, mas no geral, as mulheres precisavam estar sempre cobertas, inclusive seus cabelos. As figuras são trazidas do livro “**História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença**”.

Nesse contexto, o ocidente europeu presenciou a entrada de mulheres em uma vida dedicada ao cristianismo, propiciando até mesmo um espaço para elas com a criação de mosteiros exclusivamente femininos. Por mais simplório que pareça ser, estes fatos abriram novos caminhos na vida da mulher medieval para além do casamento e sua realização maternal. Assim, trocar a vida dedicada ao marido para a dedicação espiritual, significaria um possuir algum tipo de liberdade que as mulheres casadas não poderiam ter, como no caso da possibilidade de escrita ou dedicação exclusiva para além do lar.

## JULIAN DE NORWICH

Julian viveu de 1343 até 1416 na cidade de Norwich, na Inglaterra. Por volta do ano de 1373, teria recebido dezesseis revelações espirituais que seriam fundamentais para a escrita de um tratado: *Revelações do amor divino*.

Publicou outra obra posteriormente, discutindo questões teológicas e sua narrativa é repleta das questões que permeiam as mulheres do período. Julian chega a relacionar a figura de Jesus Cristo com a maternidade e se pergunta sobre a possibilidade de salvação, já que, enquanto mulher (ser pecaminoso por natureza) sua vida eterna estaria comprometida desde seu nascimento.

“Só porque eu sou mulher” é uma das frases localizadas no tratado que esclarecem como a questão do gênero afetava diretamente a maneira de se relacionar com o sagrado e consequentemente, com toda a sociedade.

Julian escolheu como modelo de vida espiritual a reclusão. Ela escreveu em sua obra sobre o encontro que teve com Margery Kempe, uma mulher escritora que também vivia uma vida de devoção.

## MARGERY KEMPE

Contemporânea de Julian, Margery foi uma das primeiras a visita-la em sua cela de isolamento. Também possui livro próprio, mas escreveu com o auxílio de escribas. Nasceu em 1373 e morreu em 1438, em King's Lynn na Inglaterra. Como Julian, tinha um modelo espiritual devocional profundo, mas através de peregrinações e viagens, não por reclusão. Sua obra, *O livro de Margery Kempe*, é uma espécie de autobiografia com narração. Alguns historiadores relatam a importância de escolha desse gênero pois se relaciona com a *confissão*, que, segundo a própria Kempe, a falta de confissão teria levado-a à beira da loucura. *A confissão era um elemento importante para a narração de seus pecados e também de si mesmo, o filósofo Michel Foucault afirma que as confissões são o início de uma prática psicológica e psicanalítica.* Sobre sua atividade de escrita, podemos mencionar a existência de escolas na cidade de Margery a partir do século XIV. Estas escolas eram mantidas na igreja paroquial ou localizadas em mosteiros.

## MARGUERITE PORETE E A HERESIA BUEGUINENSE

A obra de Porete ainda dialoga com outra escritora beguinese: Hadewijch de Antuérpia.

Marguerite Porene foi a primeira mulher a ser condenada pela inquisição na França. Ela parte de um grupo herético, os beguinos: um movimento religioso leigo que se desenvolvia como alternativa aos modelos institucionalizados pela Igreja no período. Essa comunidade vivia num contexto social urbano, com promessa de pobreza, obediência e castidade, o qual as mulheres viviam do próprio trabalho (tecelagem, bordado, costura...). Entre 1296 e 1306 Porete escreve um livro: *O espelho das almas simples*. Esse livro é marcado por simbologias femininas, o qual o próprio Deus é nomeado como “Senhora Amor”. De grande porte intelectual, o livro ultrapassa os tempos e é considerado uma grande obra até hoje. Foi escrito em língua vernácula, que era a língua que os leigos tinham acesso. Assim, o grande objetivo que Porete possuía em sua obra era o total aniquilamento da alma, que era libertada nesse processo, tornando-se liberta até mesmo das orientações da Igreja institucional. Seu livro foi queimado e proibido de ser circulado, mas Marguerite continuou disseminando-o, o que acarretou em sua condenação na fogueira em 1308.

## DE OLHO NA FONTE

A seguir observaremos um trecho que se encontra no início do livro de Marguerite Porete. O que dele chama atenção para você?

“Vocês, teólogos e outros clérigos, não serão capazes de entendê-lo (por mais inteligentes que sejam seus clérigos), se vocês não agirem humildemente, e a menos que a Amor e a Fé, as amantes da casa, o levem a superar a Razão”

Deste pequeno fragmento já podemos concluir diversas questões sobre a autora, Marguerite Porete inicia seu livro com uma crítica aos membros da Igreja. Na fonte, ela subordina a Razão ao Amor e a Fé. Também coloca artigos femininos para referir-se ao Amor, que, em seu livro, trata-se da figura divina. Podemos destacar seu tratamento em relação ao divino: Porete utiliza do tratamento feminino para com Deus não apenas em uma tentativa de inclusão do seu gênero no jogo espiritual, na salvação, mas também como estratégia para aproximação com esta entidade que só é acessível através da superação da Razão.

Há muitas outras formas de escrita feminina na Idade Média. É certo que a escrita e publicação de suas obras se dava por processos muito mais complicados do que os da escrita do homem. Como já mencionado, o espaço público não deveria ser conquistado por elas. Soma-se a isso a ideia comum de que as mulheres eram seres racionalmente inferiores, emocionais e entre tantas outras coisas que dificultavam sua credibilidade enquanto intelectuais. Mesmo assim, algumas mulheres são conhecidas por suas obras na Idade Média, dentre elas, citemos três:

### **Aelia Eudoxia Augusta (séc. IV/V)**

Nascida em Atenas por volta de 394, era filha do retórico pagão Leonitius, que desde cedo lhe repassou toda cultura clássica, assim, quando criança já sabia decorado a poesia de Homero e Píndaro. Quando jovem, após a morte do seu pai, mudou-se para Constantinopla, onde casou-se com Teodósio II, imperador do Império Bizantino, momento em que, além de ser batizada como cristã, foi coroada imperatriz em 02 de janeiro de 423, com o nome de Aelia Eudoxia Augusta. Por conta de seu apoio aos não-cristãos foi acusada de adultério posteriormente, sendo expulsa de Constantinopla e vivendo o resto de sua vida em Jerusalém, onde produziu cinco obras. Uma delas, *Os Homerocontones* (Centos homéricos) são compostos por 2.344 versos, os quais, a exemplo de todos os Centos construídos na história, apresentam uma interpretação bíblica, em que o Velho Testamento ocupa apenas 200 versos, sendo os demais dedicados ao Novo Testamento, com uma narração completa da vida de Cristo, desde o nascimento até a ressurreição.

### **Dhuoda de Septimania (806-843)**

Nasceu e viveu sua infância em meio a uma família nobre, onde recebeu educação, aprendendo a ler e escrever em latim. Por questões políticas, sua família foi desmembrada, sendo seu marido executado em 844, acusado de traição. Em seu exílio domiciliar, pouco antes de morrer escreveu o *Liber manualis* (Livro manual) para educar seu filho mais velho, Guilherme. Através de princípios ético-morais cristãos, a salvação de seu filho seria garantida, sendo este o objetivo de todo homem que vier ao mundo.

### **Hildegard de Bilgen (1098-1179)**

Foi uma monja beneditina, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica informal, poetisa, dramaturga, escritora alemã e mestra do Mosteiro de Rupertsberg em Bingen am Rhein, na Alemanha. Esperou a autorização da Igreja para escrever suas visões, recorrendo em carta para Bernardo de Claraval que a encorajou, mas ainda assim o caso foi levado pelo bispo Henrique de Mogúncia para o Papa, que encarregou uma comissão de teólogos para investigar suas visões. Só então, depois do aval, que começou sua visão como profetiza, enfrentando forte resistência do abade, visto que a comunidade feminina era subordinada ao monastério masculino.

Responda as seguintes questões:

- 1) Tendo por base o ideal aristocrático e o clerical, quais as justificativas políticas e religiosas para a submissão da mulher?
- 2) Cite alguma mulher medieval que se utilizou destes ideais como estratégia para ser inserida na vida pública.

**ATIVIDADE**

## **Bibliografia para aprofundamento**

CAROLINA N. BARREIRO: **Possibilidades de autoria para mulheres escritoras** (século XIV). Dissertação: Mestrado. Porto Alegre, 2019.

GEORGES DUBY: **Idade Média, Idade dos homens**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

GEORGES DUBY, PHILIPPE ARIÈS: **História da vida privada 2: Da Europa feudal à Renascença**. São Paulo, Companhia das Letras, 1985.

JACQUES LE JOFF: **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.

MARIA SIMONE M. NOGUEIRA: **Lá onde estava antes de ser: Marguerite Porete e as almas aniquiladas**. Revista Scintilla, Curitiba, v. 13, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla/article/view/21/17>>.

MARCOS R. N. COSTA, RAFAEL F. COSTA: **História das mulheres intelectuais na Idade Média**. Porto Alegre, Editora Fi, 2019. Disponível online.

MOISÉS SBARDELOTTO: **Marguerite Porete: entre aniquilamento e nobreza**. São Leopoldo, Dez/2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/17-artigo-2011/4286-ceci-baptista-mariani?showall=&start=1>>.